

A comunicação feminista como mobilização política: lições de quarenta anos de imprensa feminista no Brasil

Feminist communication as political mobilization: lessons from 40 years of the Brazilian feminist press

Danusa Marques^a

FREITAS, Viviane Gonçalves. *Feminismos na imprensa alternativa brasileira: quatro décadas de lutas por direitos*. Jundiá: Paco Editorial, 2018.

Feminismos na imprensa alternativa brasileira: quatro décadas de lutas por direitos (2018), de Viviane Gonçalves Freitas, é uma obra que busca compreender os grandes debates que atravessam a mobilização dos movimentos feministas brasileiros das últimas quatro décadas por meio da imprensa alternativa feminista. A autora nos mostra, nesse trabalho que percorre a produção de quatro importantes jornais, *Nós Mulheres*, *Mulherio*, *Nzinga Informativo* e *Fêmea*, as temáticas centrais dos movimentos que dirigiram esses periódicos, os diálogos internos, as contraposições e a construção da agenda coletiva das feministas brasileiras na expressão das suas próprias publicações. É, assim, um livro de interesse para todas as pesquisadoras da área porque nos apresenta um quadro analítico amplo, assim como organiza os debates e ressalta as construções desses anos de articulação política do campo feminista brasileiro. Como ressalta o prefácio de Flávia Biroli, a obra mostra a diversidade da luta feminista na defesa da vida de todas as mulheres e da sua dignidade, um caráter que os feminismos contemporâneos continuam reivindicando nos nossos novos tempos sombrios.

Um ponto singular do livro é a análise do conteúdo de publicações há muito conhecidas e trabalhadas entre as pesquisas feministas brasileiras (cf. CARDOSO, 2004; LEITE, 2003), como o *Nós Mulheres*, *Mulherio* e *Fêmea*, ao mesmo tempo em que traz um esforço de análise e também de organização de material do *Nzinga Informativo*, jornal do Nzinga – Coletivo de Mulheres Negras (RJ), grupo dedicado a discutir questões desde a perspectiva e a experiência das mulheres negras e a articular raça, gênero e classe como dimensões centrais nas suas ações.

a Profa. Adjunta do Instituto de Ciência Política da Universidade de Brasília, pesquisadora do Núcleo de Pesquisa Flora Tristán: representações, conflitos e direitos (IPOL/UnB) e membro da Rede de Pesquisas em Feminismos e Política.

Como uma obra inscrita no campo da ciência política, a construção das categorias de análise mobilizada por Gonçalves Freitas parte da abordagem da teoria política feminista, que nos é apresentada no primeiro capítulo como um debate que se organiza principalmente a partir da crítica da dualidade entre esfera pública e esfera privada. De fato, essa crítica é central para a teoria feminista e, no campo das questões fundamentalmente políticas, enfrenta frontalmente as bases dos clássicos da teoria política, construída com base na exclusão, subordinação e dominação das mulheres por meio da contínua afirmação da oposição entre público e privado. Partindo de trabalhos críticos a essa abordagem, como as obras de Pateman (1993) e Okin (2008), a autora se propõe a realizar uma leitura ampliada e multidimensional do problema da igualdade e da desigualdade, articulando também a abordagem de feministas negras (especialmente de DAVIS, 2012) sobre essa questão. Como percebemos ao longo da obra, Gonçalves Freitas constrói sua pesquisa desde um debate mais central da crítica feminista da teoria política costurando essas discussões com as sempre necessárias e cada vez mais centrais abordagens das feministas negras, integrando sua crítica na construção das categorias de análise da pesquisa.

O objetivo da obra é a análise da agenda dos movimentos nos jornais feministas, assim como o mapeamento da diversidade de narrativas neles publicadas. Para isso, no segundo capítulo a autora faz uma revisão geral dos movimentos feministas brasileiros de segunda e terceira ondas, mostrando como o cenário de encontros internacionais, a luta pela democracia, o debate sobre divisão sexual do trabalho, a militância das feministas negras, o desenvolvimento do conceito de gênero, a análise de classe e a relação das feministas com o Estado foram fatores importantes na construção da imprensa alternativa feminista entre os anos 1970 e 2010. No mapeamento e análise temáticas dos jornais analisados, apresentadas nos capítulos três e quatro, é interessante notar que apesar do foco do jornal e o momento histórico da publicação influenciarem as principais temáticas levantadas (questões relacionadas à comunidade negra no *Nzinga Informativo* ou à igualdade de direitos e à importância dos direitos sexuais e reprodutivos no *Fêmea* e no *Mulherio*, por exemplo), as questões da organização do ativismo de mulheres e da política institucional surgem como temas relevantes em todos eles.

Como as pesquisas sobre as trajetórias e rumos dos movimentos feministas brasileiros já nos indicavam (PINTO, 2003; MATOS, 2010), é necessário observar que as grandes temáticas dos feminismos brasileiros são diversas, mas sempre relacionadas ao contexto político e preocupadas com a construção de uma articulação entre diferentes frentes. Esse processo, é claro, não foi desenvolvido

sem intensas disputas, sendo a contraposição entre feministas autonomistas e institucionalizadas um momento marcante nesse processo. Essa será uma marca dos debates mobilizados no *Nós Mulheres*, no *Mulherio*, no *Nzinga Informativo* e no *Fêmea*, respectivamente a partir de uma análise de classe, da necessidade de articulação dos diferentes grupos feministas, de um viés articulado entre raça e gênero e do ativismo feminista em sua relação com o Estado, como nos aponta Gonçalves Freitas. Apesar dos pontos de partida distintos, sua análise dos jornais ressalta exatamente isso nas publicações: uma diversidade de temas, narrativas e abordagens, mas uma convergência na preocupação fundamental com a capacidade organizativa das feministas (o que sempre foi e sempre será um desafio para os movimentos sociais que buscam transformar o mundo) em um momento de construção de um regime político com um potencial democrático e, portanto, igualitário, a ser realizado (e o entendimento da centralidade da luta das mulheres nesse processo histórico).

No contexto dos recentes deslocamentos provocados pelo feminismo negro sobre o que se poderia tratar como um feminismo hegemônico, que é um processo marcante da última década no ativismo e nos estudos sobre os movimentos feministas brasileiros, fica ainda mais evidente que a estratégia do *Nzinga Informativo* era a construção de um espaço de priorização das agendas das mulheres negras que não teria uma posição mais central entre os “grandes debates” dos principais jornais alternativos. Não é por acaso que, dentre os quatro, esse é o jornal com menor número de edições publicadas, sendo que o quinto número não teve seu conteúdo mapeado e analisado como os demais porque o trabalho da pesquisadora se constituiu também em um resgate literal desses números, dispersos e quase perdidos em bibliotecas privadas, o que mostra a dificuldade de articulação da agenda trazida pelo jornal. A autora nos indica que o último número foi “resgatado” já no processo final de elaboração da pesquisa, mas que o seu processo de construção envolveu, além do mergulho nos textos, um trabalho de organização de arquivo de parte do material. A inclusão do *Nzinga Informativo* na análise, apesar de todas as dificuldades que marcam a fase de coleta de dados dessa pesquisa, é um diferencial da obra porque cumpre a proposta de analisar comparativamente os jornais entendendo o alto grau de variação do material. A autora, assim, parte da concepção da multiplicidade das demandas e agendas para conseguir compor um quadro analítico original, porque percebe os problemas da agenda feminista brasileira a partir dessa diversidade e, assim, tem mais ferramentas analíticas para mobilizar. Um ponto de destaque é, então, o exercício de trazer ao campo de pesquisas feministas brasileiras a análise de um “novo” material ao lado de um

corpus anteriormente trabalhado, mas partindo de um olhar mais apurado para a própria diversidade, principalmente racial.

Uma dimensão que a obra não nos entrega, apesar de rapidamente parecer uma sugestão do trabalho, é o movimento de retorno do material analisado para a teoria política. A autora, que realiza uma construção das suas categorias de análise no sentido da teoria política feminista para a análise empírica, abre para o campo dos estudos feministas uma agenda de pesquisa do processo contrário de construção de sentidos, em uma análise que retorne desde as publicações para teoria feminista brasileira. O que poderia parecer uma lacuna do trabalho, então, se mostra como uma importante contribuição que vai além da análise realizada e abre uma agenda de pesquisas compartilhada para o campo feminista atual. Ao lado disso, o trabalho mostra a importância dessas publicações na construção de uma agenda articulada em torno das questões políticas mais fundamentais da democracia, o que também é urgente para os feminismos contemporâneos. Mostrando como esses jornais retratam uma face intensa da mobilização do passado, a obra indica também a centralidade da comunicação feminista para o momento atual como um objeto de pesquisa e, principalmente, como uma dimensão de luta política.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARDOSO, Elizabeth. Imprensa feminista brasileira pós-1974. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 12, n. spe, p. 37-55, dez. 2004.
- DAVIS, Angela. “I used to be your sweet mama. Ideología, sexualidad y domesticidade”. In: JABARDO, Mercedes (Ed.). *Feminismos negros: una analogía*. Madrid: Traficantes de Sueños, 2012. p. 135-185.
- LEITE, Rosalina de Santa Cruz. Brasil Mulher e Nós Mulheres: origens da imprensa feminista brasileira. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 234-241, jun. 2003.
- MATOS, Marlise. O movimento e a teoria feminista em sua nova onda: entre encontros e confrontos, seria possível reconstruir a teoria feminista a partir do Sul Global? *Revista de Sociologia Política*, Curitiba, v. 18, n. 36, pp. 67-92, jul. 2010.
- OKIN, Susan Moller. Gênero, o público e o privado. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 2, n. 16, p. 305-332, maio/ago. 2008.
- PATEMAN, Carole. *O contrato sexual*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.